

IDEOLOGIA E QUESTIONAMENTO EM MAFALDA AMAZ'ONA, de MARGARIDA PATRIOTA.

Hilda Gomes Dutra Magalhães
(UFMT-ICLMA)

ABSTRACT: The aim of this paper is to present one of the possible ways of reading/interpreting the children's book "MAFALDA AMAZ'ONA", written by Margarida Patriota. It focuses mainly on the scope of ideology.

Heliane de Castro, no seu livro *Ideologia da obra literária*,¹ afirma que o processo de criação da arte escrita acha-se ligado a um assunto, isto é, uma idéia ou um conjunto de idéias,² o mesmo que ideologia. Registra ainda a autora que a ideologia "é o fundamento da criação literária pois a partir dela passam a existir os dados constituintes da obra".³

Uma das características básicas da obra literária é ser, portanto, ideológica, isto é, a obra se constitui num meio de propagação de idéias, o que a torna um instrumento de dominação ou libertação.

Este poder ideológico (transformador ou alienante, conforme a obra) é tão forte que foi exatamente um dos principais aspectos que chamaram a atenção dos estudiosos clássicos para a arte literária. Platão, por exemplo, em seu livro *A república*, alertou para o fato de que só seriam consideradas relevantes as obras que se dedicassem a transmitir conceitos éticos e morais, obviamente os úteis à sociedade da época.⁴

Na Idade Média não era à toa que se queimavam as obras de natureza revolucionária, tidas como hereges. A própria historiografia literária nos atesta que, em função de sua natureza ideológica, a arte escrita sempre foi utilizada no decorrer da história como veículo de idéias filosóficas, políticas, religiosas, científicas etc.

Obviamente, quanto mais remota a época, maior e mais temível era o poder transformador da literatura, considerando que a arte literária não contava com a concorrência da tecnologia e da informática do nosso século: não existiam os cinemas, a televisão, o

¹ CASTRO, Heliane de - *Ideologia da obra literária*, Rio de Janeiro, Presença, 1983.

² Idem, p 17.

³ Idem, idem

⁴ Conforme PLATÃO, *A república*, Euro América, s/d, p 74.

rádio, o vídeo, os computadores e outros avanços da tecnologia atual. De fato, em função desta concorrência, hoje o potencial ideológico da literatura não parece mais tão ameaçador, considerando o seu baixo consumo em relação principalmente aos produtos de comunicação de massa.

Mesmo assim, o teor ideológico da arte poética nunca deixou de ser uma preocupação tanto para autores quanto para teóricos e críticos da literatura. No caso da literatura infanto-juvenil esta preocupação continua cada vez mais evidente, o que é bastante justificável, considerando que o leitor destas obras é um indivíduo em formação e, portanto, suscetível às mais diversas ideologias.

A literatura infanto-juvenil ajuda a moldar o caráter, exercita a reflexão, o questionamento, e o seu estudo nas escolas de I e II graus deve ser palco de discussões não apenas estéticas, como políticas, filosóficas e morais, sustentadas a partir da realidade do leitor.

Esta tem sido uma preocupação comum aos escritores de literatura infanto-juvenil. Preocupação externada não apenas na tematização (assuntos geralmente polêmicos e atuais), mas na própria estrutura do texto, cada vez mais questionadora.

Analisando o livro *Mafalda Amaz'Ona*⁵, de Margarida Patriota, podemos observar esta preocupação estético-ideológica na escolha de imagens que sugerem a idéia de transformação, sustentada no eixo ideologia/questionamento.

A narrativa nos apresenta a aldeia do povo og, uma sociedade matriarcal imaginária que teria existido no Brasil, em tempos remotos, vivendo sob a proteção de duas deusas: Fauna e Flora. Às mulheres cabiam o poder, a caça, as viagens, os jogos. Aos homens cabiam as prendas domésticas, permanecendo submissos, considerados sexo frágil. Nesta aldeia, comandada pelas mulheres, os homens nasciam só para "varrer choças, catar piolhos e arear tachos". A insignificância do homem na cultura og era tão grande, que a maioria deles achava que se enfrentassem uma guerreira, viravam "ombriga de tatupeba ou excremento de gambá". (MA.,36)

Nesta sociedade, que vivia da caça, principalmente de animais peçonhentos e cuja maior riqueza econômica consistia no guaraná, a máxima "homem que é homem cata lêdea e varre o chão" dava a exata medida da (des)importância do homem na cultura oguiana. O povo og exaltava a languidez e a magreza como itens indispensáveis à beleza masculina (52.), além disso, as mulheres tinham por hábito desposar homens mais novos, pois estes artifícios facilitavam a dominação.

⁵ PATRIOTA, Margarida. *Mafalda Amaz'Ona*, Alhambra, Brasília, 1991: A partir desta nota, as citações deste livro serão identificadas pela sigla MA, seguida da paginação.

Quando Mafalda, princesa órfã de mãe, atinge a maioridade e sobe ao poder, encontra a escala social definida do seguinte modo;

“No topo da pirâmide, as faladoras - lordas, comunas, representantes dos setores; abaixo, as pensadoras - mulheres de idéias válidas, invariavelmente teóricas, destituídas da arte de falar. Em terceiro, marchavam as guerreiras, esteio da nação. Situadas em quarto, as negociantes, produtoras, fazedoras, professoras, empresárias. Em quinto as que só sabiam ser mães ou amas-de-leite. Em sexto escalão entravam as doentes, as estéreis, as aleijadas e as aposentadas. Em sétimo lugar, encontravam-se as ninfomaníacas, ou as que porventura cultuassem o homem em excesso. Estes vinham, finalmente, em oitavo lugar, se fossem ativos, isto é, capazes de gerarem mulheres. Em nono aglomeravam-se os passivos, num caldeirão que fornecia a mão-de-obra do país, elucidando-se que, nesse bolo, os manicuros superavam em prestígio os varredores e os catadores. Em décima e última posição, confinava-se quem renegasse Fauna e Flora, classe na prática inexistente, posto se queimassem os hereges na fogueira”. (MA, 56)

A heroína, criada sob o jugo de uma tia Regente cruel e invejosa, era constantemente obrigada, sob pretexto de que fazia parte da formação da futura rainha, a dormir pendurada numa corda, de cabeça para baixo, e apanhava, desde pequenininha, nos pés, a parte mais sensível do corpo, de acordo com a cultura og. As humilhações e arbitrariedades a que era submetida pela tia Regente faziam-na comungar a ideologia não do dominador (que é sempre conservadora), mas do dominado (que é sempre progressista, ávida por mudanças). Em função disto, desde a infância sempre teve forte identidade com os menos favorecidos, principalmente a ralé dos varredores e catadores de piolhos que, franzinos, curvados, descorados, provocavam-lhe grande compaixão. Sua identidade com os menos favorecidos era tão forte que apaixonou-se por Mandi'Og, um jovem de baixa linhagem, musculoso (e portanto feio) e que foi expulso da aldeia pela tia Regente, que não aprovava a relação dos dois. No mais, a identidade de Mafalda com as idéias e a visão de mundo dos dominados levava a princesa a querer reverter os valores e os costumes daquela sociedade matriarcal. Assumindo o poder, Mafalda tomou medidas drásticas. Encheu os pulmões e vociferou:

“ - Quero! Entenderam? (...) os ogos aprendendo a caçar surucucus! Ora, já se viu! (...) Amanhã uma peste liquida as mulheres, os homens como ficam? Reduzidos a um bando de viúvos que varrem o chão e catam lêndeas! E tremem do dedão à careca, quando vêem uma perereca! Vá lá que o homem traga inclinações do berço. Mas precisa, e pode, ser treinado a superar-se ! Treinado a caçar, como nós mulheres, animais peçonhentos! Ensinados a extrair veneno das espécies farmaceáveis! Instruídos a ... exercer papel dinâmico! Entenderam o que quero ?! (MA, 74)

Ora, o que Mafalda queria era mudar radicalmente a estrutura de poder na aldeia, o que a tornava bastante avançada para o seu tempo, pois se tratava de deslocar o homem de 8º para o 2º lugar na escala social, possibilitando à ala masculina acesso à instrução intelectual, marcial e à ação política. Tal atitude causou tamanho impacto que o dia em que Mafalda desta forma se manifestou ficou conhecido como o Dia do Quero e sacudiu de tal forma os escravos que uns chegaram a entrar em coma”. (74)
Continua a narrativa:

“Outros paralisaram-se, histéricos: As guerreiras valentes, delegadas a iniciarem os rapazes nas artes bélicas foram vítimas de instantânea e irremediável liquefação das fezes” ... E quanto mais expressasse o desejo de emancipar o sexo oposto, mais desencadeava a nova Rainha reações calamitosas: Breve, a nação entrava em estado sumariamente malcheiroso”. (MA,74)

Por causa do mau cheiro, Mafalda desiste da empreitada. Havia-se criado um impasse ideológico e a jovem rainha, por sugestão de uma de suas guardas, põe-se a ouvir o povo. Dirige-se a um catador de piolho que exerce o seu ofício na cabeleira de uma guarda e dá-se o seguinte diálogo:

*“-Me diga, jovem! Aprecia catar piolhos por profissão?
- Precio, né - devolve o rapaz franzino e amarelento, de unhas compridas.
- Não preferia caçar ou pescar?
- Muito trabaio, né.
- O desafio traz energia, ativa o sangue nas veias! A gente precisa da aventura! Precisa descobrir o mundo à volta! A variedade das paisagens!
- Os pióio também vareiam.*

- *Mas a liberdade, a independência, o crescimento, a... a autonomia!*
- *Ô tô na minha, cum meus piôio.*
- *O orgulho de criar, moldar, construir! Produzir com as próprias mãos!*
- *A sióra acha que cato os piôio cuns pé?*
- *Mas... não gostaria de um filho que caçasse, viajasse, participasse dos jogos atléticos?*
- *Pra bem, queria fia ... mas si fô fio, num queru metido em coisa de muié.*
- *Considera-se satisfeito com sua condição?*
- *Ô tô. A sióra não?" (MA, 76)*

Mafalda novamente se depara com as armadilhas ideológicas que estruturam a sociedade og. Apesar de querer mudanças que libertem a classe masculina, portanto a classe dominada, percebe que os catadores não apenas são dominados como também comungam a ideologia da dominação. Em outras palavras, o catador, que deveria propagar a ideologia dos dominados e lutar para que as mudanças ocorressem, para que seus direitos lhes fossem assegurados, aceitavam a ideologia da dominação e a introjetavam como se fosse a da própria classe. Em outras palavras, o diálogo com o povo serve para Mafalda avaliar o alto grau de alienação em que viviam os homens.

Diante da realidade, Mafalda é obrigada a rever conceitos, ouvir idéias e descobrir novas formas de lidar com o poder. Diante dos fatos, entende que não pode promover uma mudança de forma tão radical como pretendia, porque aprendeu que só se muda a realidade a partir da própria realidade. Talvez seja este um dos momentos mais interessantes do livro. É o momento em que Mafalda percebe que as mudanças não ocorrem só nas idéias, e a imposição da liberdade é também ditadura. Para ser livre, o povo precisa querer e estar preparado para tal.

Neste momento do livro há um amadurecimento ideológico bastante grande na personagem Mafalda. Avaliando a realidade e revendo a própria ação política, a jovem Rainha elabora um novo código que, embora admitindo a servidão do homem à mulher, prega sobretudo o respeito, a solidariedade e a fraternidade. Há um período de abertura, todos os oguianos têm direito ao estudo, surgem novas modas, e os meninos já podem, desde pequenos, pegar em pererecas, sem a repreensão das mães.

Como pudemos observar, o enredo apresentado propicia um amplo leque de discussões. Apresenta uma ideologia matriarcal de dominação e o livro traz ao mesmo tempo a exposição e questionamento dessa ideologia, resultando numa construção dialética de novas idéias, visando o bem-estar comum.

Como afirma Heliane de Castro, o texto literário "é capaz de fazer com que outros discursos sejam criados, sem que mude a ideologia, incluídas as *suas contradições*, através de formas que mudam sempre; ou seja: o texto literário realizará 'uma reprodução de ideologia no seu conjunto'"⁶.

Na obra analisada temos um permanente confronto de idéias, que se transformam, evoluem, dentro do matriarcalismo, mostrando a complexidade ideológica do poder. Mas o discurso ideológico não se fecha no matriarcalismo. Ao sair de seu ambiente, devido a problemas econômicos (a escassez do guaraná), o povo og se encontra como o povo mauê, que vive numa sociedade patriarcal.

A descoberta causa grande alvoroço ainda mais que descobrem ogos e ogas que os mauês são proprietários de um magnífico guaranazal. O confronto entre as duas culturas é inevitável, não obstante o esforço dos homens em agradar o povo og, presenteando as mulheres com flores e bananas, entendido o primeiro gesto como ofensa a deusa Flora e o segundo, como tentativa dos mauês de engordar o povo og para depois comê-los, como se faz com os porcos. Além disso, Mafalda havia sido capturada pelo líder mauê e os oguianos não poderiam admitir a sua rainha nas mãos de homens.

No momento em que a guerra é desencadeada, o livro se abre para uma questão filosófica, de ordem metafísica. Afirma o narrador:

"No céu, as cores revolucionam: O azul, estriado de laranja, faz-se roxo e se transforma em cinza patético e opressor.

Nessa aparência de terremoto, há algo sério em jogo. Algo que independe da vontade oguiana ou mauê, que torna supérfluas, tanto perguntas quanto queixas, unindo Mafalda e o mascarado numa mesma condição".(MA, 118)

A guerra deixa de ser um acidente, provocado por um motivo material, pela ambição, pelo poder, ou por uma oposição de sexos. Passa a ser um fenômeno mítico, traçando implacavelmente o destino beligerante do homem. A guerra passa a ser vista como algo inerente ao ser humano, denunciando a precariedade da existência e o abismo que existe entre o indivíduo e o outro.

Mafalda Amaz'Ona é de fato um livro bastante rico ideologicamente, e a realidade imaginária é na verdade uma forma alegórica que estetiza os problemas que enfrenta a sociedade patriarcal e, mais proximamente, a sociedade brasileira, engendrando reflexões sobre o poder e a fragilidade da cidadania.

⁶ Conf. CASTRO, op cit, p 33.

No nível estético, além do investimento no imaginário, que é responsável pela criação do universo og, confundindo-o, numa esfera mítica, com a natureza (as pessoas têm nome de animais e árvores), há uma especulação dos dois momentos mais importantes da literatura nacional, a saber o Romantismo e o Modernismo. Na figura do personagem Xuru, porta voz de Mafalda, são resgatados poemas de escritores brasileiros famosos, como Gonçalves Dias, Cassiano Ricardo e Carlos Drummond de Andrade, numa atitude metalinguística que está a exigir dos teóricos um estudo apurado, que foge aos objetivos imediatos do presente trabalho.

Concluindo as discussões a que nos propomos, a obra de arte, como afirma Marcuse,⁷ é uma forma de reavivar a lembrança da felicidade perdida e reacender o desejo da felicidade individual/coletiva, através das imagens utópicas, que anunciam a possibilidade de transformação do mundo, exorcizando a alienação e semeando o germe de liberdade.

Numa linguagem espontânea e bem humorada, o livro não fecha a questão ideológica, no sentido de que não vende idéias prontas. Pelo contrário, o que se observa no decorrer das páginas do livro é uma permanente revisão ideológica. Margarida Patriota coloca na vitrine as imagens do sonho, da luta, do ideal, levando o leitor adolescente a investir neste jogo as próprias dúvidas, seus próprios sonhos e frustrações, colocando face a si mesmo e ao outro. Este é um dos muitos méritos de *Mafalda Amaz'Ona*.

⁷ Conferir MARCUSE, Herbert - *Eros e civilização*, trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Guanabara, s.d.